

● TRANSOESTE E TRANSCARIOCA

Abandono e atrasos

Prefeitura vai cobrar ressarcimento de construtoras para corrigir pistas do BRT

LUCIANO BELFORD

A Prefeitura do Rio está prestes a cobrar multas, pedir ressarcimentos e fechar acordos com as construtoras dos corredores dos BRTs Transoeste (inaugurado em junho de 2012) e Transcarioca (junho de 2014), com o objetivo de voltar a investir em obras de recuperação das pistas, que apresentem falhas graves após poucos anos de uso. A expectativa da Secretaria Municipal de Infraestrutura e Habitação (SMIH) é que as medidas tenham solução ainda este mês. Após a devolução da gestão do sistema às empresas de ônibus, na semana passada, especialistas listam outras prioridades para salvar o modal, que já chegou a receber 400 mil passageiros em um único dia.

“O que as empreiteiras tiverem que devolver do que fizeram malfeito ou do que não fizeram, elas vão devolver. Recebemos o pleito deles, estamos conversando e calculando. Não haverá mais reunião. Vamos mandar para eles oficialmente os valores e chamar para ressarcimento e acordo

de leniência. Disso a gente não abre mão”, afirmou o titular da SMIH, Sebastião Bruno, sem antecipar os valores. Segundo ele, detalhes sobre o reparo das pistas estão em discussão entre o prefeito Marcelo Crivella e a Secretaria Municipal de Transportes (SMTR).

O BRT, no entanto, tem outros problemas que persistem, como superlotação, intervalos demorados, calote e vandalismo. A intervenção municipal no sistema apontou a necessidade de ampliar estações subdimensionadas, mas Alexandre Rojas, engenheiro de Transportes da Uerj, sugeriu uma opção mais econômica, que resolveria a superlotação dos veículos e das paradas. Segundo ele, o ideal seria aumentar e programar melhor a frota.

“Não precisa refazer todas as estações. Precisa não deixar acumular passageiro lá. Se perceber que aquela estação vai ficar lotada, tem que fazer chegar até ela um ônibus vazio. Não adianta ter pouco ônibus que não vai resolver a questão”, ressaltou o especialista.



Como filho Cauã Gabriel, de 2 anos, Ana Vitória lamenta o abandono da estação Cesarão, em Santa Cruz

Medida contra os calotes

•Eva Vider, engenheira de Transportes da Escola Politécnica da UFRJ, cobra a licitação prometida pelo prefeito para exigir das empresas vencedoras melhorias no serviço, entre elas a alteração da configuração de algumas estações para evitar calotes. “As estações-tubo de Curitiba possuem um design que impede a entrada de caloteiros pelas portas laterais, pois os veículos baixam uma plata-

forma de embarque naqueles pontos”, recomendou Eva, que também defende a contratação de seguranças privados, como há no metrô e nos trens. O investimento de R\$6 milhões por ano em segurança foi outra exigência da prefeitura no acordo com os empresários. Desde o mês passado, a Guarda Municipal aplica multa de R\$170 em quem é flagrado embarcando no BRT sem pagar.

À espera da reativação das estações

•A população da Zona Oeste aguarda ansiosamente a reabertura das 22 estações do Transoeste na Avenida Cesário de Melo, fechadas desde maio do ano passado depois de serem diversas vezes vandalizadas. Uma das promessas feitas pelo Rio Ônibus para receber o BRT de volta foi reativar as paradas em três meses. No entanto, os locais continuam abandonados. Circulavam no trecho cerca de 12

mil passageiros por dia, mas a estimativa é de que havia 15 mil calotes diários.

As estações Cesarão I e II, em Santa Cruz estão destruídas. No local, vidros quebrados, fios pelo chão, vasos sanitários imundos, cobertores dos sem-teto que dormem no local, garrafas e muita sujeira. “As estações fazem falta, porque quem estuda ou trabalha em locais como Campo Grande e Paciência depende

do péssimo serviço dos ônibus, que demoram muito, ou têm que fazer baldeação. No BRT, a gente esperava poucos minutos para embarcar e chegava mais rápido”, lamentou a estudante Ana Vitória Coelho Oliveira, de 16 anos. Cristiane de Oliveira, 45, que trabalha perto da Cesarão II, torce para o BRT voltar às estações da região: “Ficamos à mercê do transporte alternativo ou mofamos no ponto”.